



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU
LICENCIATURA EM LETRAS/LÍNGUA PORTUGUESA**

ALINE ALMEIDA BEZERRA

**OBJETIFICAÇÃO FEMININA NOS CONTOS “MAIBI”, DE ALBERTO RANGEL E
“CALIGRAFIA DE DEUS”, DE MÁRCIO SOUZA**

São Félix do Xingu

Outubro de 2021

ALINE ALMEIDA BEZERRA

**OBJETIFICAÇÃO FEMININA NOS CONTOS “MAIBI”, DE ALBERTO RANGEL E
“CALIGRAFIA DE DEUS”, DE MÁRCIO SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa do Instituto de Estudos do Xingu (IEX) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana de Barros Ataíde.

Área de Concentração: Estudos Literários

Linha de pesquisa: Literatura de Expressão

Amazônica

São Félix do Xingu

Outubro de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

B574o Bezerra, Aline Almeida
Objetivação feminina nos contos “maibe”, deAlberto Rangel e “caligrafia de Deus”, de Márcio Souza / Aline Almeida Bezerra. — 2021.

Orientador(a): Luciana de Barros Ataíde.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Estudos do Xingu, Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2021.

1. Análise do discurso literário. 2. Literatura brasileira - Amazônia. 3. Mulheres. 4. Violência. I. Ataíde, Luciana de Barros, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 401.41

Elaborado por Renata Souza – CRB-2/1.586

DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA**FOLHA DE APROVAÇÃO**

ALINE ALMEIDA BEZERRA

**OBJETIFICAÇÃO FEMININA NOS CONTOS “MAIBI”, DE ALBERTO RANGEL E
“CALIGRAFIA DE DEUS”, DE MÁRCIO SOUZA**

Monografia defendida e aprovada em _____/_____/_____
com NOTA _____, pela comissão julgadora:

Professor (a): Dr^a. Luciana de Barros Ataíde (Unifesspa – Orientadora)

(professora Doutora Míriam Cristina dos Santos - Unifesspa – examinador interno)

(professor Doutor Carlos Augusto Carneiro Costa - Unifesspa – examinador interno)

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente acima de tudo e de todos, por ter me ajudado e me dado forças para eu realizar este sonho.

A meus pais, Antônio Ferreira Bezerra e Clélia Mary Almeida Bezerra, que são meus espelhos e exemplos da vida, que sonharam comigo, me apoiaram e me incentivaram. Este sonho é nosso, meu e de vocês, em ver uma filha formada, e que em meio a meu desespero me acalmavam e sempre diziam e dizem que eu irei conseguir, basta eu não desistir, e principalmente a minha mãe que é um exemplo de perseverança para mim.

A minha Prof. Orientadora Luciana de Barros Ataíde, acima de todos os professores, que foi e sempre será um anjo na minha vida, pela força, dedicação, paciência, por acreditar em mim, pelo ânimo, pelas broncas e porque sem ela eu não teria conseguido. Minha eterna gratidão a senhora!

A meus irmãos Cleliane Almeida Bezerra e Cleiton Dhone Almeida Bezerra que cobraram e cobram de mim o meu melhor, principalmente a minha irmã, que foi meu apoio fundamental desde o início da faculdade com suas broncas, quando eu dizia que não conseguia.

A meu esposo, Gabriel Ozanio Batista de Souza, por me apoiar, me acalmar, e todos os dias cobrar a minha leitura e escrita do TCC.

A meus avós Maria José Almeida, Antônio Almeida, a Francisca Bezerra e Edmilson Bezerra que sonhavam em me ver formada e me olham com tanto orgulho.

A meu sobrinho Lauan Kelter pelo carinho comigo e atenção, que sempre levava um lanche para mim quando eu estava estudando no quarto.

A todos meus colegas de turma, ao longo dos quatro anos de jornada acadêmica, pelo apoio e parceria, ao Antônio, a Adriana, a Meiry, o Célio, a Lucilea, a Luzicléia, a Ruthelly, o Odair, a senhora Herly, e a Susiane.

A todos os meus amigos da vida, pela energia boa que me transmitem, por sempre acreditarem, torcerem e orarem por mim, sempre os levarei para a vida toda, em especial a Natália, o Tássyo, o Reitor, o Alexandre, o Mateus, o Thaidysson e a Andressa.

A todos os meus professores, coordenadores, técnicos e bibliotecárias da UNIFESSPA, com seus conhecimentos que contribuíram muito para meu crescimento profissional e pessoal.

O meu Muito Obrigada a todos que contribuíram de forma direta e indireta para este sonho se realizar!

DEDICATÓRIA

A meus pais e todos que me apoiaram!

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar questões que envolvem a objetificação feminina nos contos “Maibi”, de Alberto Rangel e “Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza. Neles, as personagens Maibi e Isabel Pimentel serão analisadas sob o prisma de como as relações de gênero são percebidas como mecanismos e práticas sociais, instituindo ações e comportamentos que silenciam e violentam as mulheres. A ideia é analisar as personagens com um olhar que perceba como os autores denunciam a objetificação da mulher no cenário amazonense, reduzindo-a a um objeto de uso e/ou de trocas comerciais. Nesse processo de análise será possível observar ainda como os grandes projetos capitalistas no espaço amazonense têm grande determinação nas ocorrências de violência contra as mulheres.

Palavras chaves: Amazônia. Literatura. Objetificação feminina. Silenciamento.

ABSTRACT

This paper aims to analyze issues involving female objectification in the short stories “Maibi”, by Alberto Rangel and “Caligrafia de Deus”, by Márcio Souza. In them, the characters Maibi and Isabel Pimentel will be analyzed from the perspective of how gender relations are perceived as mechanisms and social practices, instituting actions and behaviors that silence and violate women. The idea is to analyze the characters with a view that perceives how the authors denounce the objectification of women in the Amazon scenario, reducing her to an object of use and/or commercial exchange. In this process of analysis, it will be possible to observe how the great capitalist projects in the Amazonian space have great determination in the occurrences of violence.

Keywords: Amazon; Literature. Feminine. Objectificacion. Silence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA.....	11
1.1 A literatura amazônica entre o local e o universal.	12
1.2 Narrativas que ressignificam.....	14
1.2.1 A literatura de Alberto Rangel.....	14
1.2.2 A escrita de Márcio Souza.....	18
2 RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER E O ESPAÇO AMAZONENSE.....	21
2.1 A violência contra as mulheres e as múltiplas determinações.....	22
2.2 Identidades subaternizadas	24
3 MERCADORIZAÇÃO DA VIDA FEMININA: CORPOS SILENCIADOS	29
3.1 Maibi: uma mulher silenciada e objetificada.....	29
3.2 Izabel Pimentel: fragmentos de uma identidade desconstruída.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Amazônia, nome forte e de múltiplas visões, nome que ao ser citado vem à mente a história de povos, línguas, riquezas naturais, nações, guerras, mitos, lendas, exploração e extermínios. Vem também à mente a imagem de uma floresta invejada e desejada pelos interesses políticos e sociais, tanto nacionais, quanto internacionais. Como se sabe, a Amazônia nunca foi um lugar vazio, pelo contrário, além de rica em fauna e flora tem populações que nela viviam e ainda vivem, especialmente população cabocla, ribeirinha e indígena.

É desse cenário que emergem as duas narrativas aqui propostas para estudos. De um lado, “Maibi”, de Alberto Rangel; do outro, “Caligrafia de Deus”, de Márcio Souza. Nessas duas narrativas, o espaço amazonense é o palco para reflexões sobre a condição feminina a qual se tornou tema de debates de algumas categorias contemporâneas, logo, um tema também das literaturas contemporâneas. A literatura, em seu forte papel social é responsável por nos ajudar a endossar reflexões para a construção de um mundo mais igualitário.

O presente projeto de pesquisa foi escolhido após a disciplina “A Narrativa e a Poesia de Expressão Amazônica”, ministrado pela professora Doutora e orientadora, Luciana de Barros de Ataíde, quando a professora trouxe algumas produções amazonenses para lermos e discutirmos em sala, e principalmente conhecermos o acervo riquíssimo de produções amazônicas da nossa região, até então não vistas em disciplinas anteriores e até desconhecido por alguns alunos da turma. O interessante das produções literárias amazônicas é que não fala apenas só da fauna e flora da região, mas inclui diversos temas universais como, amor, religião, morte, e vai além, trazendo denúncias de exploração contra os menos favorecidos, contra o homem que detém o poder nas mãos, contra o seringueiro, contra a desumanização do homem neste local, da mulher transformada em objeto de troca, e moeda de pagamento de dívidas, e da mulher subjugada e violentada.

A disciplina só veio para aumentar o interesse pela pesquisa, pois ainda quando criança já era apaixonada pela disciplina de Estudos Amazônicos, ofertada na escola Pública Municipal de Ensino Fundamental Pássaro Azul, onde estudava, na cidade de São Félix do Xingu-PA. As aulas da disciplina de Estudos Amazônicos parecia ser um mundo desconhecido ou esquecido pelos escritores, pois não víamos nos livros didáticos, e quando aparecia algo sobre a região, era apenas sobre a exploração da floresta ou sobre tráfico de animais. Com a disciplina ofertada na faculdade, pude perceber o quanto a história da região vai além, ultrapassando fronteiras e barreiras, e falando de temas universais e não apenas de plantas e animais como vistos na maioria dos livros. Percebi a

importância de estudar a literatura e as poesias amazônicas para poder ajudar a divulgar e ensinar a história da região, e mostrar o papel e a importância da mulher para a construção da história “local” e do país. Por ser uma literatura rotulada como “literatura amazônica” sofre grande preconceito por parte dos leitores acíduos, assim ficando uma parte da história da mulher e do país “esquecidos”.

Assim, o objetivo desse estudo é analisar as duas personagens centrais que compõem as duas narrativas mencionadas, por meio de um olhar mais humano e menos sexista, especialmente quando se pensa relações afetivas, ou, que deveriam ser afetivas. Para isso, a abordagem aqui não será de cunho étnico ou racial, mas voltada para reflexões sobre as relações de gênero. Maibi, a personagem central do conto de mesmo nome, de Alberto Rangel é o objeto de desejo e de disputa sem que ela mesma pudesse definir ou expressar seus sentimentos em um contexto patriarcal. Izabel Pimentel, uma mulher em um relacionamento no qual é violentada e no qual se mantém porque foi o que aprendeu das relações entre homem e mulher.

Para que este estudo possa ser desenvolvido, esta pesquisa ficou dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo vamos trazer reflexões sobre a literatura de expressão amazônica, envolvendo discussões sobre conceitos de local e universal, dialogando com a importância das produções amazonenses no processo de ressignificação de vidas. No segundo capítulo vamos tecer algumas considerações sobre as relações de poder e gênero espaço amazonense, trazendo reflexões sobre a violência contra as mulheres, destacando algumas questões que determinam os atos de violência. No terceiro capítulo vamos fazer a análise do corpus proposto para estudo com ênfase no silenciamento e objetificação feminina, tendo como referência o conto “Maibi”; para análise do conto “Caligrafia de Deus” vamos trazer reflexões sobre a desconstrução da identidade feminina, resultando em uma vida fragmentada. Em seguida, traremos as considerações finais.

1 LITERATURA AMAZÔNICA

A Amazônia abrange vários países, sendo eles Bolívia, Colômbia, Guiana, Peru, Venezuela, Suriname, França, Equador e Brasil, mas é apenas o cenário amazonense brasileiro que será tratado neste estudo.

A fama da floresta Amazônica e das Amazonas que viviam isoladas, das riquezas naturais, das especiarias, e dos indígenas que esbanjavam ouro percorreu todo o mundo, tanto que em diversas embarcações foram recrutadas muitas pessoas para irem em busca das pedras preciosas. Por causa dessas e muitas outras lendas, quem sofreu foram a floresta e os nativos, pois os exploradores chegaram invadindo, devastando e amedrontando toda a população que aqui residia. Com isso, muitos indígenas foram escravos, porém, ao perceberem as reais intenções dos exploradores se negaram a trabalhar e como castigo, muitas vidas foram tiradas, muitos povos e línguas foram extintos.

Quando se trata de produção literária, notamos alguns ‘esquecimentos’ ou anulações quando se estuda a história da literatura brasileira. Isso porque a historiografia compreendida dos séculos XVI até início do século XX traz referências de obras produzidas nas metrópoles do Brasil-Colônia e do Brasil-Império com referências a espaços como Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, destacando aspectos ligados ao período de exaltação econômica e de relação com o contexto europeu. Diante, notamos um centramento do retrato de produção literária, já que outras regiões brasileiras produtoras de literatura têm pouca visibilidade, como é o caso do cenário amazonense.

Romário dos Anjos Aires (2015) nos fala que no século XIX o objetivo nacionalista brasileiro foi construído na ânsia de definir uma identidade pátria. Isso foi um campo frutífero para os ideais românticos. No entanto, buscou-se a definição de um perfil identitário em moldes homogeneizantes europeizados, deixando de lado as pluralidades de culturas e de manifestações culturais que marcam verdadeiramente a identidade nacional. São por questões como essas que ainda hoje muito se discute a questão do que é ser local e o que é ser universal em produções literárias, principalmente quando se trata de produção literária na Amazônia.

1.1 A literatura amazônica entre o local e o universal

Pensar na produzida na Amazônia, reduzindo-a a um caráter puramente local tem suscitado muitas discussões. Joao de Jesus Paes Loreiro na obra *Cultural Amazônica: uma poética do imaginário* (2015) fala que os estudos que ele empreende sobre as narrativas amazônicas em suas lendas e mitos servem de referências para que ele possa ter elementos suficientes para refletir e compreender o mundo. Isso porque, do seu ponto de vista, são narrativas que fornecem elementos para a compreensão do Ser no mundo. A partir dessa observação podemos pensar que se trata de narrativas de caráter universalizante, uma vez que proporcionam instrumentos para se pensar homem no mundo. Então, notamos que, na Literatura Amazônica, o universal é aquilo que dialoga e permeia o local.

Na obra *Uma literatura nos trópicos: ensaio sobre dependência cultural* (1978), Silviano Santiago fala sobre a posição ocupada pelo discurso literário latino-americano, sendo ele reservado ao local, restrito e periférico, contrapondo-se ao discurso literário europeu o qual é o universal, amplo e central. E nessa relação de posições ocupadas, há confrontos de ordem cultural e social, já que envolve encontros de identidades distintas, pois se apropriação europeizada dos ideais românticos serviu para estabelecer um sentimento de identidade nacionalista, as raízes desse estabelecimento se deram por uma imposição social, cultural e religiosa. Não podemos nos esquecer que esse desenho nacionalista dos românticos traz uma série de apagamentos do nativo, subjugado à doutrinação religiosa.

Ainda hoje, essas questões envolvendo conceitos de local e universal no campo literário ainda persiste. Nos estudos da Literatura de Expressão Amazônica esse tema é muito discutido e com posicionamentos que se contrapõem. J. G. dos Santos Fernandes, no texto “Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica?” (2004) fala que as discussões sobre conceitos de local e universal remetem ao advento do expansionismo colonialista europeu que obrigavam as colônias a seguirem padrões culturais, linguísticos e culturais de suas metrópoles. Mas depois da independência das áreas colonizadas, a universalização passou a ser compreendida por meio da globalização na tentativa de construir uma cultura universal, é claro, nos moldes dos poderes dominantes. Fernandes (2004) cita ainda Silviano Santiago para dizer que

A universalidade ou bem é um jogo do colonizador, em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história europeia como História universal, ou bem é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e as reações dos dominados (SANTIAGO *apud* FERNANDES, 2004, p. 112).

Vejamos que é nesse jogo de forças de construção de conceitos que reside a Literatura de Expressão Amazônica. No texto “Literatura na Amazônia ou literatura amazônica” (2014), Márcio Souza diz que “uma literatura amazônica para ser tão improvável quanto uma literatura regionalista” (SOUZA, 2014, p. 25). Márcio Souza diz isso afirmando que a rotulação ‘literatura amazônica’ não é vista como uma expressão cultural reducionista envolvida em um pensamento de que não se trata de obras de excelências literárias por se tratar de uma região distante dos grandes centros, mostrando, portanto, que se trata de uma rotulação que o incomoda.

Notamos com isso que nesse jogo de aceitação de que há uma história universal e, portanto, uma literatura universal na qual não se encaixa todas as produções nacionais, sobressai um caráter que evidencia choques de ações de dominação. Todos os posicionamentos envolvendo esse caráter de classificação se dá pelas abordagens que vários autores amazonenses apresentam em suas obras. Dalcídio Jurandir, por exemplo, tem a classificação de suas obras como regionalistas, no entanto aborda temáticas universais como problemas sociais e existenciais as quais não são simbolicamente amazônicas. Temas como amor, religião, erotismo, morte, fazem-se presentes em obras de Olga Savary, Adalcinda Camarão; temas filosóficos se fazem presentes em construções poéticas de Max Martins. Notamos, portanto, que a classificação das produções literárias amazônicas como sendo local ou universal pode ainda suscitar muitas questões.

Nesse contexto de discussões entre o que é uma literatura que se diga universal e uma que esteja reduzida ao local, podemos notar que são apenas considerações teóricas e que pouco evidenciam o caráter de gradiosidade de uma produção literária. Dizemos isso para mostrar que toda essa discussão, quando se trata de produções de expressão amazônica, não significa que são produções restritas ao local que representam em seus contextos narrativos ou que elas tenham importância apenas para esse local. Quando lemos os dois contos, objetos de análise desse estudo isso fica bem claro. Nas duas narrativas notamos as mulheres silenciadas, objetificadas e comparadas a objetos, coisas de uso. E essa é uma realidade das mulheres de vários locais do mundo, não apenas do espaço amazonense, pois é uma questão de construção histórica.

Mesmo que os contos de Alberto Rangel e Márcio de Souza sejam ambientados na região amazônica brasileira e tenham, portanto, grande significação e valor para mostrarem a qualidade da escrita de expressão amazônica, eles ultrapassam as fronteiras do local, trazendo à tona uma discussão muito ampla e universal que é a condição feminina em um universo patriarcal e de subjugação da mulher; condição essa que existe até hoje.

O que podemos perceber é que falar sobre a literatura produzida na Amazônia, é falar da cultura, dos povos, das histórias; e também falar sobre os projetos capitalistas implantados na região amazônica e suas desastrosas consequências como é o caso da intensa exploração ocorrida no ciclo da borracha e também sobre a criação de zonas industriais, pensando nos grandes investimentos internacionais que poderiam ocorrer como aconteceu no período da implantação da Zona Franca de Manaus. E é nesses dois cenários de destroçamentos de povos e culturas que residem as duas narrativas desse estudo. Narrativas estas que mesmo sendo construídas dentro de um contexto tendo amazônico, tratam de temas que são universais como é o caso da violência contra a mulher.

1.2 Narrativas que ressignificam

Para uma melhor compreensão de alguns cenários que são representados nas produções literárias da região amazônica, especialmente, dos cenários apresentados nas narrativas deste estudo, faz-se necessário conhecer um pouco sobre os autores dos contos propostos para o corpus da pesquisa.

1.2.1 A literatura de Alberto Rangel

Alberto do Rego Rangel, nasceu no dia 29 de maio de 1871, na cidade de Recife, capital de Pernambuco. Era filho do senhor Joaquim José do Rego Rangel e neto de Francisco de Arruda Câmara. Aos cinco anos de idade de 1876, mudou-se junto com a família para a cidade do Rio de Janeiro. Com seus 17 anos começa seus estudos ‘superiores’ na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. Em 1896 torna-se Bacharel em Ciências. Três anos após completa seu curso de Engenheiro Militar. Em 1900 se destaca nos trabalhos da construção do porto de Tutóia, no Maranhão.

Na dissertação de mestrado intitulada *Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia*, defendida em 2011, Rafael Vogt Leandro traz um panorama sobre a literatura de Alberto Rangel bem como sobre o seu projeto literário amazônico que consiste em trazer à tona questões sociais do cenário amazonense, mostrando as contradições morais dos governos dos povos amazônicos e também revelando os aspectos sociais de violência e escravidão que ficavam encobertos na época do auge da borracha e, com isso, fortalecendo a sua produção literária.

Nesse ano de 1990 Rangel se dirige para Belém do Pará. No mesmo ano, no mês de Setembro deixa o exército militar. Em outubro vai para a cidade de Manaus como Engenheiro Civil. Durante 4 anos de 1901 a 1905, presta assistência ao governo do Amazonas, onde atuou como diretor geral de Terras e Colonização e mais tarde torna-se secretário do governo, dois anos após, em 1907 ao regressar para o Rio de Janeiro, entrega para Euclides da Cunha seus originais de *Inferno Verde* para que o prefacie.

Foi durante o tempo que trabalhou para o governo do Amazonas, ele aproveitou e escreveu seu primeiro livro *Inferno Verde*. Pouco tempo após se casar, viaja para França, Inglaterra, Portugal e Espanha. Na trajetória por estes países, estudou e pesquisou documentos para enriquecer seus livros, com temas históricos e gráficos. Vivendo entre Brasil e Europa, pode assistir as ruínas de duas grandes guerras mundiais. Nesse tempo escreveu outros contos como “Quando o Brasil amanhecia” (1915), correspondências com os amigos do Brasil, livros de pesquisas históricas sobre Dom Pedro I e a Marquês de Santos (1912), *Fura Mundo* (1922) *Lume e Cinza* (1924), *Textos e pretextos* (1926), *Gastão de Orléans* (1935). Antes de morrer, também compôs textos para teatros e por último o livro *A Educação do Príncipe: Esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II* (1945) e no mesmo ano de 1945 em dezembro deixa esse mundo.

Alberto Rangel veio a Amazônia por volta de 1901 a 1905, antes de Euclides da Cunha, onde fica por um tempo no Pará, para trabalhar como engenheiro e depois parte para o Amazonas para trabalhar como funcionário público e colaborar em alguns jornais.

Euclides escreve pela primeira vez a Alberto Rangel em março de 1905, falando de seus ideais. Em 1907 ele torna a escrever a Rangel, agora fala da composição histórica de *Inferno Verde*. Alberto Rangel dá toda liberdade a Euclides da Cunha para sugerir, alterar, fazer tudo que fosse necessário para seu livro ficar melhor.

Euclides prefere chamar ‘naqueles capítulos’, do que usar as expressões do prefaciador, ao livro, preferindo também que o próprio Alberto Rangel, autor do livro, faça as correções que julgar pertinente, conforme pode ser observado no livro de Leandro (2011)

Aí vai o prefácio. O teu livro merecia um outro, mais brilhante. Mas irá bem acompanhado pela palavra rudemente sincera de um amigo.
 Agora um grande favor: quero que revejas muito cuidadosamente o que escrevi: A letra, exagerei-a de propósito para evitar esses terríveis erros tipográficos que tanto nos magoam. Confio na tua revisão carinhosa.
 Não se alteraste o trecho do *Inferno Verde* que extratei. Neste caso, modifique-se o extrato para que saia como estiver no livro. (LEANDRO, 2011, p.70)

Euclides garante ao amigo Rangel sucesso imediato da obra, ao fazer as devidas alterações e o aconselha a não ficar tão maravilhado com a obra e sugere que faça um posfácio do livro, pois Euclides sabia da repercussão que o livro traria ao leitor, pois é cheio de verdades em forma de fantasia. Quando lemos a obra *Inferno Verde*, publicada em 1908, podemos notar, realmente, o quanto ele é construído em verdade sobre a região amazônica em forma de fantasia. Segundo Euclides da Cunha, o intelectual brasileiro sempre esteve ligado à realidade das metrópoles do mundo ocidental, por isso os leitores tem dificuldade em penetrar na realidade local e as leituras causam tamanha estranheza.

É com o segundo livro que Alberto Rangel alcança sua independência literária. Trata-se do livro de contos *Sombras n'água: vida e paisagens no Brasil equatorial* (1913). Esta obra não teve tanta repercussão e crítica por parte dos críticos de *Inferno Verde*. A questão é que *Inferno Verde* teve seu prefácio escrito por Euclides e foi recomendado pelo mesmo a diversos críticos de nomes na época e Rangel tinha como o objetivo aumentar a leitura e o conhecimento sobre a Amazônia, exigindo do leitor paciência, pois assim como é difícil se adentrar na selva, também é difícil a suas narrativas.

Poderíamos pensar que as obras de Rangel procuram transmitir a realidade, como por exemplo, ele procura alertar sobre o tráfico de animais da floresta amazônica, assim como o descaso sobre a preservação da Amazônia. Nas obras do autor a floresta ganha vida, sentimentos e ações, como se tivesse *ânima*. O homem que vive nela não pode dormir, pois pode ser engolido por suas matas, pelas cheias dos rios, pelos animais das florestas, pelos seres encantados. Trata-se de um projeto literário que busca transmitir os problemas amazônicos e alguns tipos sociais como imigrantes cearenses, as mulheres, os indígenas, os caboclos, os estrangeiros, os missionários, os religiosos e a elite local.

Nas poucas narrativas em que o personagem principal é o indígena, fica claro a ruína da cultura e de sua própria memória, no decorrer da história a mudança física e social é clara. Há grande referência ao extermínio provocado pelos colonizadores da região, com interesses em prosperarem no lugar sem pedir licença aos habitantes do lugar. *Inferno Verde* tem foco nos seringueiros, no homem que trabalha na terra sem leis e que ao mesmo tempo tenta cuidar da sua sobrevivência na selva amazônica tão perigosa. Em seus contos também procura deixar registrado

as falas religiosas do povo, porém o seringueiro é um homem que está à mercê de seu senhor, dono do seringal e a palavra dele que é a mais importante.

Nesse universo seringalista a mulher entra em cena e é ela que adquire um papel de mercadoria, a moeda de troca; ela serve como dinheiro para pagamento de dívida do companheiro, como é o caso da personagem Maibi. Segundo Leandro (2011), os tipos sociais mais presentes nas narrativas de Alberto Rangel são

os seringueiros, agricultores, caçadores, ‘cearenses’, ribeirinhos, caboclos. As misérias humanas encontram neles a sua representação. Dos grandes problemas morais as roupas necessárias para sustentar as teses do narrador realista de início do século. As vezes, essas figuras estão imersas no mórbido. A nova estética do exótico não exclui essa parcela da população amazônica. (LEANDRO, 2011, p.116)

Notamos que esses tipos são os que estão diretamente envolvidos com as lidas do contexto amazônico; o homem trabalhador. São as pessoas acostumadas a trabalhar com o pouco, com a terra, e acostumadas a receberem pouco também. A população amazônica passa a ser constituída por essas figuras. Com esse contexto e tipos os finais felizes não são recorrentes. Em Inferno verde visualizamos onze narrativas e nenhuma com o final feliz. Por vezes, o final é trágico, como é o caso do conto “Maibi”.

O projeto literário de Alberto Rangel tem início no ciclo da borracha, quando a chamada ‘civilização’ chega na Amazônia pelo extrativismo da borracha e passa atravessa o processo de instalação de indústrias. A narrativa em estudo, “Maibi” é um rico exemplo desse contexto do ciclo da borracha. A expectativa do enriquecimento rápido era a visão de todos os imigrantes que chegavam na Amazônia nesse período. A Amazônia passa a ser foco de enriquecimento fácil e rápido e com isso passa a ser vista também pelo público internacional.

Com o ciclo da borracha em alta, algumas cidades, em especial Manaus e Belém, passam a ser modernizadas, inclusive a estrada de ferro Madeira Mamoré, torna-se símbolo dessa modernização na selva amazônica, que era usada para transportar a madeira e demais materiais do solo amazônico de dentro para fora como o cacau, antes da borracha.

Analisando as narrativas de Alberto Rangel que compõem a obra Inferno verde, podemos vislumbrar não apenas o cenário realista dos seringais, mas também elementos mágicos, fantásticos, paradisíacos. São narrativas que acontecem dentro da selva amazônica e raramente no ambiente urbano. O narrador exerce determinado domínio em seu projeto amazônico, ao transmitir a cultura e falar da natureza do lugar.

1.2.2 A escrita de Márcio Souza

Márcio Gonçalves Bentes de Souza nasceu na cidade de Manaus em 1946 e ainda jovem começou a se dedicar ao trabalho com a escrita. Trabalhou no Jornal manauara *O Trabalhista*, estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), sofreu perseguição no período da Ditadura Militar regressou à sua terra natal pouco tempo depois. Dentre as principais obras de Márcio Souza como escritor se destacam *Galvez, o Imperador do Acre* (1976), a *Expressão Amazonense* (1978) e *Mad Maria* (1980). Essas obras aqui citadas são ambientadas no espaço da Amazônia, e é esse o espaço representado na maioria de suas obras. Muitos são os temas e abordados em suas obras e nelas, o maior destaque fica para a denúncia das condições de vida de muitas populações excluídas econômica e culturalmente. Se quisermos pensar na Amazônia como uma das regiões que ainda hoje são alvos de vários tipos de explorações que se arrastam desde os primeiros colonizadores, vamos notar que as obras de Márcio de Souza ultrapassaram a significação e a importância contextual da época em que foram produzidas.

Na obra *A Caligrafia de Deus* (1994) o leitor pode optar por ler qualquer história e irá se deparar com essa mesma realidade. São cinco contos escritos em diverso períodos, mas tem como ponto de ligação a cidade de Manaus. Todos são estruturados como se fossem pequenos romances por apresentarem diversos conflitos. Três deles são narrados em terceira pessoa, já os outros dois são narrados em primeira pessoa.

Nas narrativas, o autor busca demonstrar como a cidade de Manaus e a região como um todo passaram por um processo de degradação estrutural e social, denunciando o tratamento brutal e desumano das pessoas dos locais com subjugação, exploração, opressão e assassinatos como o que acontece com a personagem Izabel Pimentel, protagonista do conto “Caligrafia de Deus”. A maior denúncia que Márcio Souza faz nessa obra é mostrar que todos os atos de violência continuam acontecendo ainda hoje.

O conto *A Caligrafia de Deus* de Márcio Souza de 1994 inicia-se com a morte de duas personagens principais, Izabel Pimentel, também conhecida como índia Potira e Alfredo Silva apelidado de Catarro. Ambos migraram para a cidade de Manaus em busca de melhores condições de vida. A narrativa é contada no espaço urbano da capital, para demonstrar o quanto declinou após o período grandioso da borracha, com início da implantação da Zona Franca, com o crescimento da cidade e também os efeitos negativos que trouxe este crescimento desenfreado, como a não aceitação do migrante, do Outro, do diferente, da violência com os indivíduos das periferias, e da perda ou ganho da identidade das personagens ao tentarem se integrarem nesta cidade dita agora

como “moderna”.

A narrativa inicia surpreendendo o leitor com as trágicas mortes das personagens, e conforme o leitor vai seguindo a leitura, ele vai descobrindo mais sobre a cidade e sobre a identidade das mesmas. Logo no início, o leitor percebe a situação precária da casa em que os indivíduos vivem, “a casa coberta de palha, devia ter goteira como o diabo. Um rego de água fedida atravessava os colombos de rua e fazia um mapa escuro no barro seco [...] um labirinto de becos, terremotos baldios e lençóis secando a taquara” (SOUZA,1994, p.15)

Com o crescimento acelerado da população da Zona Franca, na cidade de Manaus, conseqüentemente crescia os bairros e, este aumento veio carregado de problemas em que pessoas começaram a se instalarem em bairros periféricos sem saneamento básico, nas favelas e em casa que não lhes devam um mínimo de conforto. Com este crescimento desordenado, a violência passa a fazer parte da vida dessas pessoas neste lugar e passa a incomodar a população local.

Na loucura da Zona Franca o povo era tão afável na sua ironia que chamava aquilo de bairro. Em dez anos, aquelas colônias suaves cortadas por um igarapé viram desaparecer os buritizais e a mata quase cerrada, as chácaras e os banhos, para dar lugar a um conjunto habitacional do BNH e às adesões provocadas pela iniciativa particular dos ribeirinhos que chegavam com a anual subida das águas. (SOUZA,1994, p.15;16)

Desde a capa do livro, o autor traz os novos aspectos da nova Manaus para o leitor, uma Manaus linda, com comércio, porém, escrita em linhas tortas, sem planejamento básico da cidade, com seu capitalismo desenfreado destruindo a floresta, os igarapés, os buritizais e, dando lugar desapropriados para as pessoas morarem, nas favelas e periferias, pois o centro estavam os poderosos e os comércios.

Na segunda parte do conto chamado de “O Primeiro Cadáver” é revelada a identidade da primeira personagem que “já estava morta há cinco horas” (SOUZA,1994, p.17). “Devia ter uns vinte anos, estava vestida só com uma calcinha cor de limão (SOUZA,1994, p.16). O corpo da personagem ensanguentado e caído no chão era de Izabel Pimentel, uma índia que morava em Iauareté-Cachoeira, que morrera sem saber o motivo de ser chamada assim, de Izabel Pimentel. Morrera com “a cabeça com três furos de bala e o cabelo escuro marcado por placas de sangue coagulado” (SOUZA,1994, p. 16;17). A morte de Izabel foi tão rápida, que ela não sabia porque tinha morrido, e por que tinham tirado sua vida covardemente sem explicação, a única certeza que ela tinha antes de morrer era que Deus escreve certo por linhas tortas.

Nessa segunda parte do conto mostra a família desintegrada também de Izabel, ao ter um pai “um índio baniwa que passava o dia bebendo uma mistura de álcool com água e coçando os ademas que os bichos-de-pé provocavam em seus dedos sujos de terra” (SOUZA,1994, p.17). O velho Pedro adorava espancar a mãe de Izabel, duas vezes ao ano “durante as comemorações de Natal e de Nossa Senhora Auxiliadora” (SOUZA,1994, p. 18). Mas o pai de Izabel não podia ser conhecido assim, pois

todos homens de Iauareté-Cachoeira tinham bichos-de-pé e espancavam as suas esposas sempre na mesma data. A figura paterna de Izabel, era do tipo de homem que ela jamais queria ter como seu companheiro um dia, quando se casasse.

A mãe de Izabel, “uma índia tukano, tinha alguns dedos inutilizados devido a essa prática anual do marido. (SOUZA,1994, p. 18), Infelizmente a mãe de Izabel representa ainda hoje a realidade de muitas mulheres, que se condenam a viver em um casamento cheio de opressões, agressões físicas e psicológicas.

O grito, ou seja, a voz de muitas mulheres que hoje entoa é de tantas injustiças sofridas, há séculos pelas mulheres. E essa forma de sofrerem caladas como a mãe de Izabel é devido o regime que foram impostos a elas de opressão e submissão, que as condenam a viver uma vida infeliz, que na verdade deve ser denunciado esses sofrimentos e as mulheres serem libertas de tais opressões.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER E O ESPAÇO AMAZONENSE

Em *Representações do intelectual* (2005), Eduard Said afirma que os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade essa função de intelectuais. Diz ainda que os intelectuais formam um grupo de pessoas extremamente pequeno e altamente importante para manter e garantir uma sociedade mais justa. E pensando nas funções de intelectuais que as pessoas desempenham, podemos pensar em dois grupos: primeiro, os intelectuais tradicionais, como professores, clérigos e administradores, que ao longo da história da humanidade continuam a fazer a mesma coisa; já no segundo estão os intelectuais orgânicos diretamente ligados a classes ou empresas, que os usa para organizar os próprios interesses e conquistarem o poder. (SAID, 2005).

Pensando as duas narrativas postas aqui para estudos, podemos concordar com Said (2005) e ainda perceber que os chamados intelectuais orgânicos estão ativamente envolvidos na sociedade e lutam constantemente para mudar mentalidades e expandir mercados; estão sempre em movimento, tentando fazer negócios. Em outras palavras, para Said (2005) ser intelectual não está diretamente relacionado ao que se faz no dia a dia, mas ao valor do que se faz. E por essa razão,

o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2005, p.26).

Por isso mesmo, para Said as produções de um intelectual não estão na visão de fortalecer o ego ou exaltar uma posição social, ou mesmo servir a burocracias poderosas e patrões generosos, mais sim, estão comprometidas com a atividade em si, dependentes de um estado de consciência que é cética, e incansavelmente devotada à investigação ética, racional. Dialogando com esse pensamento, notamos que o papel dos escritores que aqui serão estudados, Alberto Rangel e Márcio Souza representam o grupo de intelectuais comprometidos em representar as mazelas de uma região inteira trazendo a suas produções dramas humanos e proporcionando a visibilização de sujeitos que por décadas foram excluídos das representações. São intelectuais, especialmente, por trazerem narrativas que denunciam as relações de poder que regem a sociedade, excluindo os mais

fracos, economicamente, e, denunciando ainda mais, os atos de violência que são enfrentados pelas mulheres.

2.1 A violência contra as mulheres e as múltiplas determinações

Durante séculos, o papel social da mulher sempre foi visto como inferior em relação ao papel do homem: de um lado, sempre coube aos homens os espaços públicos; do outro, sempre coube às mulheres o espaço privado, do lar, dos afazeres domésticos. Porém, com lutas, movimentos sociais e com dedicação, as mulheres foram além desse contexto e começaram a assumir sua própria história de luta e de determinação. Mary Del Priore (2012) diz que é um pensamento antiquado de que a figura em torno da mulher esteja reduzida por encargos domésticos e maternais. A vida das mulheres é retratada em diferentes épocas reforçando seu gênero que pelem desde metade do século XX para esclarecer incertezas acerca das regras patriarcalistas aos quais as mulheres.

Dentro dessas agressões estava, e continua a estar, não apenas o silenciamento, mas atos de violências como agressões, física, psicológica, moral e sexual. Tais questões mostram o quanto a violência é um complexo social que tem efeitos desastrosos pelas múltiplas significações porque está ligada a condições históricas e sociais. Ao pensarmos as duas personagens que serão o foco das narrativas em estudo, temos: Maibi, do conto de Alberto Rangel e Izabel Pimentel, do conto de Márcio Souza.

As duas personagens têm em comum um cenário de exploração econômica completamente contra a mulher e, principalmente, contra a emancipação e liberdade da mulher. Maibi chega com o marido para trabalhar nos seringais; e o marido não é o dono do seringal, tampouco o aviador; ele é o seringueiro, aquele homem vinculado a locais específicos de exploração e, portanto, eterno devedor ao patrão e ao comércio local. Com uma dívida cada vez mais crescente, entrega a mulher como objeto de quitação de dívida. Izabel Pimentel é uma mulher de etnia indígena que é expulsa de seu espaço com a família, são obrigados a morarem à margem da cidade de Manaus após a criação da Zona Franca. Cresce vendo o pai agredir, fisicamente, a mãe, logo, passa a estudar no colégio salesiano, onde é agredida para aprender os ensinamentos religiosos. Envolve-se com um

rapaz que também a agredia fisicamente, mas mantém-se nessa relação porque era a única que conhecia.

Não podemos deixar de mencionar o quanto reside nesses atos contra as duas personagens os controles de seus corpos, de suas vidas; controles esses que têm como alicerce o sistema de opressão e de dominação fundamentados nas desigualdades, nos privilégios de poucos, na discriminação social, na opressão das mulheres que teve e continuam contra elas a tese da existência de uma inferioridade natural.

As reflexões de gênero em torno da mulher, não podem ser investigadas particularmente, pois, como afirma Del Priore (2012) “a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do Ocidente cristão”. (p. 8). Simone de Beauvoir discorre em sua obra *O segundo sexo – a experiência vivida*, sustentando que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Segue atestando que as crianças, em seus primeiros anos de vida, não imaginaram diferenças sexualmente entre meninos e meninas distintas. A diferença se torna compreensível desde o momento em que a criança ainda na sua infância, entra em conhecimentos com princípios diferentes e formas de convívio social; a partir desse momento que inicia um ritual de diferenciação no qual os meninos passam a receber uma educação livre dos apontamentos sociais, enquanto as meninas são educadas a terem um comportamento restrito, oprimido e alheio ao conhecimento que elas possam ter sobre si mesmas.

No entanto, é difícil pensar esse ‘tornar-se mulher’ em uma sociedade, principalmente, em um espaço em que a violência contra as mulheres está profundamente enraizada no sistema patriarcal-capitalista que normatiza as relações de gênero nesse enraizamento. Nas narrativas expostas para estudos e explicitações dos atos de violência praticados contra a mulher notamos que não há a separação entre a exploração capitalista e a dominação patriarcal, há uma imbricação entre esses dois sistemas.

Alguns estudiosos antigos afirmam a desigualdade entre homens e mulheres de uma forma naturalizada com tom de preconceito:

Assim, Platão e Aristóteles não hesitaram em estabelecer a desigualdade da mulher como “um fato da natureza, que deveria obedecer a um fim qualquer” e justificavam a inferioridade feminina com a mesma desenvoltura com que se referiam à sujeição do escravo. (GONÇALVES, 2006, p.18).

Notamos com isso que o masculino e o feminino permanente não se firmam em relação aos gêneros homens e mulheres, mas sim a partir das criações realizadas nessas sociedades, criações essas que naturalizaram, historicamente, essa distinção.

O termo gênero é estudado pelo movimento feminista sendo de grande valia por ser essencial para entendermos os objetivos do movimento, bem como o histórico de lutas e conquistas. A exemplo disso, temos o texto de Guacira Lopes Louro “Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista” (1997) que mostra como as mulheres, nos movimentos, “brigaram” contra a inferioridade, a discriminação e opressão. Essa “briga” afirma a rejeição ao determinismo biológico embutido nas discussões entre homens e mulheres, problematizado pelo modelo social, já mencionado por Simone de Beauvoir.

Quando pensamos a condição da mulher no espaço amazonense, em um período de exploração, disputa por espaços e de transformação imposta pelo sistema capitalista, é ainda mais conflituoso devido a questões que não são apenas de conquistas de espaço feminino, mas também de luta contra um machismo imposto por esse sistema patriarcal-capitalista que silencia e violenta as mulheres.

Segundo Anderson Ferrari (2011) a existência das mulheres é atravessada por jogos de verdades que dizem sobre seus corpos, suas sexualidades, suas formas de ser e de estar no mundo. Diz ainda que questões que envolvem silêncios e silenciamentos estão envolvidas em processos disciplinares. Nas sociedades discursivas, o calar e o falar estão envolvidos nos jogos de poder e força. Assim, quando pensamos a condição feminina na sociedade, vemos que o calar, historicamente foi delegado à mulher, enquanto o falar foi delegado ao homem. Esse jogo de calar e falar com toda a sua relação de poder pode ser observado claramente no conto Maibi, de Alberto Rangel.

2.2 Identidades subalternizadas

A arte literária torna-se um processo mimético representando a realidade, mas mediante ao processo de ficção ela apresenta uma versão do que poderia ser. Para isso, ela utiliza de uma linguagem heterogênea com vários significados, inserindo combinações de códigos estilísticos e ideológicos. Vale citar, ainda a possibilidade de o responsável assemelhar como verdade o que é

narrado; ser presente na produção, pois o texto literário é um lugar intertextual que o autor recria diversos textos.

A literatura também exerce o papel de criador de personalidade e de humanizador do homem, conforme evidencia Antônio Candido (2017). Nessa direção, a literatura representa a realidade, atuando para legitimar o caráter humano e recolocando o indivíduo na participação de um universo coletivo, atuando na construção de identidades da imagem de si. No conto “Maibi”, de Alberto Rangel, passa-se na época do ciclo da borracha; ciclo este que permeia grande parte das obras literárias e históricas de meados do século XIX e XX, especialmente as produzidas na região Amazônica. A condição social representada pela personagem é a mesma das milhares de mulheres que habitam a Amazônia: a condição de subalternidade em um espaço regido pela subalternidade. Observando essa narrativa dentro da proposta de literatura enquanto legitimadora do caráter humano e representação da realidade, vamos notar o quanto o projeto literário de Alberto Rangel em mostrar os problemas sociais presentes na região amazônica foram importantes tanto dentro dos estudos literários quanto na perspectiva sociológica.

Ao analisarmos a personagem Maibi, podemos visualizar a condição de vulnerabilidade de mulheres indígenas (como é o caso de Izabel Pimentel, do conto de Márcio Souza), mestiças, negras, ribeirinhas. Maibi é a personagem apresentada por Alberto Rangel que é silenciada pelo sistema capitalista, já que ela é dada como moeda para pagar uma dívida e com isso o seu corpo, assim como a sua vida é visto como propriedade. Uma mulher silenciada pela história dos seringais, tratada como desimportante enquanto ser humano.

O marido de Maibi, que a entrega para saldar sua dívida com o comerciante local representa o desenvolvimento econômico refletido no não desenvolvimento local. Maibi foi dada a outro seringalista que tinha condições de pagar a dívida; coisa que o marido não tinha. A região amazônica, com o seu cenário de fornecimento de matéria-prima teve a mulher, representada na personagem Maibi, mais uma matéria a ser fornecida aos interesses de exploradores locais.

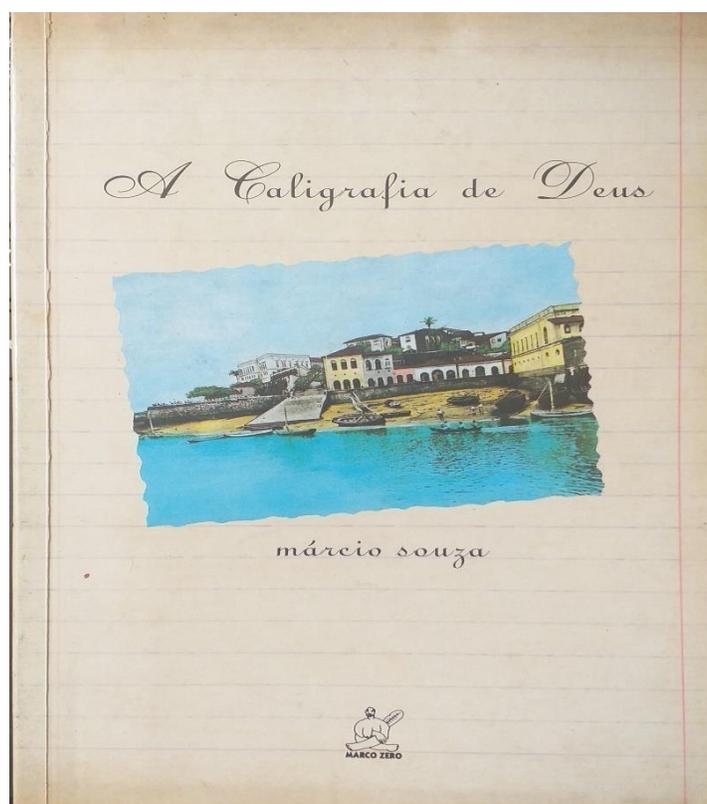
O sistema no qual Maibi e seu marido estavam expostos era o de exploração do menos favorecido. Aqueles que chegavam nos seringais para o trabalho de extração do látex já chegava devendo a sua viagem ao dono do seringal e assim eram submetidos ao sistema de aviamento, vivendo em situação de escravidão. De um lado, eram obrigados a vender a borracha que produziam pelo valor que o seringalista padrão estipulasse. Do outro lado, os produtos de subsistência e de higiene deveriam ser comprados nas vendas do seringal por valores abusivos. Como a maioria dos seringueiros era analfabeta, isso facilitava as extorsões nas contas. Com isso, eram raros os que

com seguiam sair da condição de endividamento. Essa condição foi o que levou a personagem Maibi a ser entregue como uma mercadoria.

A subalternização indígena também está ligada ao lugar que a mulher ocupa no estado colonial e na sua própria cultura. Este cenário é o da personagem Izabel Pimentel, uma mulher aniquilada através das consequências da perda de sua identidade cultural, feita através da religião e do colonialismo. Cláudia de Socorro Simas (2014) diz que Izabel é "engolida" pelo espaço urbano e esse espaço é representado pela "Zona Franca", implementada na cidade de Manaus no início da década de sessenta. Este espaço é para onde Izabel Pimentel, índia, aculturada vai e é também nesse lugar que ela irá morrer. Assim, essa personagem enfrenta todo tipo de violência, de repressão tudo isso para se tornar uma moça da cidade, conforme a Madre disse que ela se tornaria.

A representação gráfica de Manaus feita pelo autor Márcio Souza, começa pela capa do livro *A Caligrafia de Deus* (1994)

Figura 1: capa do livro *Caligrafia de Deus*



Fonte: arquivo próprio

Nela se vê, primeiramente, uma espécie de folha de caderno com pauta torta e toda suja, provavelmente por estar envelhecida e esquecida pelo tempo, há também uma linda foto, bem colorida e as cores demonstram também como a Amazônia é linda, cheia de vida, com a natureza exuberante, com um rio imenso na frente, com alguns barcos ancorados na beira. Olhando por outro por outro lado, existe uma Amazonia com seu crescimento desenfreado, sem planejamento, com a uma cidade crescendo no meio dela, tornando-se uma Manaus, com casas grandes. A folha envelhecida representa uma Manaus ultrapassada, que não possui estrutura para receber os imigrantes oriundos de outros lugares.

O conto “A Caligrafia de Deus”, é desenvolvido em forma de cenas, que já inicia com a informação do primeiro cadáver como se fosse uma cena cinematográfica, em que uma câmera foca no cadáver e conta sua história, ora foca no segundo cadáver e faz o mesmo. A narrativa tem o mesmo período de tempo das quarenta e oito horas das buscas do Comissário Frota, pela Zona Franca de Manaus,

só a loucura da zona Franca para fazer o pessoal do Japiim chamar aquelas quarenta e oito horas de muito divertidas e isto estava visível na cara de irritação do Comissário Frota, expressão de quem tinha o saco estourado e já estava cutucando o povo curioso com a coronha do revólver (SOUZA, 1994, p.16)

O povo do bairro do Japim, se assim pode chamar o lugar de bairro, acharam muito divertidas a movimentação dos policiais no lugar por ser um local esquecido pela administração da cidade. Ao iniciar o conto com “quarenta e oito horas depois havia dois cadáveres atravessados por balas de fuzil (SOUZA, 1994, 15), o narrador já nos remete às cenas de violência de um espaço que cresce desenfreadamente, sem organização e com a exploração tanto da Amazônia quanto do menos favorecido social e economicamente.

O primeiro cadáver descrito é descrito da seguinte forma “Devia ter uns vinte anos, estava vestida só com uma calcinha nas ancas, a cabeça com três furos de bala e o cabelo escuro marcado por placas de sangue coagulado “(SOUZA, 1994, p 16-17). Essa é a descrição do assassinato de Izabel Pimentel.

Essa personagem é uma mulher que, gradativamente, foi passando por um processo de desconstrução identitária que lhe era própria para transforma-se em outra pessoa, que não ela. E esse processo tem início com a saída dos pais de seu lugar na floresta até chegar à Escola Salesiana da Missão de São Miguel onde estudava. O narrador a apresenta como a mulher que não tinha dinheiro, a mãe fazia uma pequena venda de ovos, com as vizinhas, escondida do

marido para não ser agredida. E foi vendo a situação da mãe que Izabel aprendeu que ser violentada era a condição da mulher. Aprendeu ainda com a mãe que “Deus escreve certo por linhas tortas” e por isso é preciso se conformar com a vida que se tem. Diz ainda para a filha que

Se o velho Pedro não bebesse tanto e fosse um homem trabalhador, ele certamente estaria ganhando dinheiro e teriam posses para comprar o que quisessem, até as revistas que Izabel tanto desejava. Mas ela sabia que não seria assim: o velho Pedro com dinheiro no bolso poderia comprar a cachaça ou o conhaque de alcatrão que quisesse, e ela, então, sofreria espancamento todos os dias. Por isso, era melhor que não tivessem dinheiro para nada, que duas surras anuais já eram suficientes. Deus escrevia certo por linhas tortas, disse a mãe de Izabel. (SOUZA, 1994, p. 20)

A mãe lhe dizia isso pela seguinte situação: apanhava do marido duas vezes por ano, no Natal e no dia de Nossa Senhora Auxiliadora e viviam em uma situação de extrema miséria. Se a vida econômica deles fosse melhor, pode ser que em vez de beber álcool com água o pai passasse a comprar cachaça de verdade e conhaque e ela, a mãe, apanharia todos os dias. E explicando-lhe isso, dizia que “Deus escreve certo por linhas tortas”, pois uma situação que está ruim pode se tornar pior.

Esse pensamento a que se refere a mãe de Izabel é a denúncia das práticas e discursos de naturalização da violência contra as mulheres e de culpabilização de suas vítimas. E esse discurso de naturalização apresenta-se no ideal do patriarcado como uma justificativa para sua ocorrência e permanência. Cabe ressaltar que o grave da questão não está no comportamento ou silêncio das vítimas. Segundo Patrícia Romito (2008) a violência praticada contra as mulheres é forjada e reforçada pela continuação da ideologia patriarcal que impera na sociedade capitalista a qual é responsável pela naturalização da violência.

3 MERCADORIZAÇÃO DA VIDA FEMININA: CORPOS SILENCIADOS

A linguagem de Márcio Souza assim como a de Alberto Rangel caracterizam-se pela riqueza de imagens e descrições realistas que levam o leitor a imaginar uma Manaus bem diferente daquela planejada para a zona franca. Nos dois contos há a representação dos problemas enfrentados pela população pobre no espaço amazonense. São muitas as direções de denúncias sociais que podem ser notadas nas duas narrativas, mas o interesse dessa pesquisa será expor a condição da mulher aos vários tipos de violência, de subjugação e de objetificação no contexto dos grandes projetos da Amazônia.

No dia a dia não é difícil ver ou perceber o quanto o silêncio e o silenciamento persiste sobre as mulheres independente do lugar, seja ele no trabalho, na escola ou no lar. A voz feminina mesmo após anos e anos de lutas e reivindicações para que pudessem falar e ser donas de seus destinos ainda existe, em muitos casos, no silêncio e sobre o domínio dos homens. Esse silêncio é facilmente percebido, por exemplo, quando a mulher quer falar sobre algo, explicar, e a mesma ser interrompida diversas vezes por um homem, ou o mesmo tomar a voz quando ela estiver falando, e explicar algo em seu lugar, por pensar que a mulher não seja capaz de falar sobre determinado assunto. Um outro exemplo bem claro são nas questões políticas, em que raramente encontra-se uma mulher para representar as demais mulheres no país, o silêncio imposto pelo homem e a exclusão das mulheres em locais privados é tamanho que em muitos espaços como esse a mulher ainda é minoria, mesmo após conquistarem alguns espaços privados, a mulher continua sendo silenciada.

3.1 Maibi: uma mulher silenciada e objetificada

A narrativa “Maibi”, de Alberto Rangel, publicada na coletânea *Inferno verde* (2008) é um convite a tirar o véu dos fundamentos da violência contra a mulher, reconhecendo-a como um *modus operandi* de nossa sociedade, como um construto social. O narrador deste conto apresenta a história sobre a vida dos seringueiros e sobre a exploração desenfreada e ambiciosa da selva amazônica. Em todo o percurso narrativo, é possível notar relatos sobre o trabalho escravo vivenciado pelos trabalhadores dos seringais e sobre as péssimas condições de vida. Dentre essas condições, destacam-se duas linhas: a morte por doenças tropicais da região e o eterno endividamento com os patrões.

O conto Maibi escolhido como objeto de estudo, traz à tona a figura feminina utilizada como mercadoria na Amazônia, tanto pelos seringueiros, que são os homens que extraem o leite da árvore da seringa, quanto pelo seringalista, dono do seringal. A narrativa é escrita em 12 páginas, dentro do livro de contos *Inferno Verde, Cenas e Cenários do Amazonas*, de Alberto Rangel, que vai da página 121 a 132, na edição de 2008. Na capa, logo se encontra uma foto da floresta amazônica, com uma mata densa, fechada, escura e só de olhar, percebe-se que é de difícil acesso, logo em baixo vê uma cachoeira que são muito perigosas, e em cima uma pequena abertura entre as árvores que se pode ver o céu, demonstrando o quanto é quase impossível sair da floresta.

O conto narra a história de Maibi, uma cabocla amazonense linda, que se casara com Sabido, um jovem rapaz nordestino que viera ao Amazonas em busca de trabalho nos seringais e de dinheiro rápido, com intuito de mudar de vida. Porém, durante os quatro anos que passa no seringal Soledade, ele só consegue aumentar sua dívida com o tenente Marciano, dono do seringal. Com intuito de conseguir saldo, ele procura qualquer meio para pagar sua dívida, e a única solução encontrada é cedendo Maibi ao colega de profissão. Sabido ao entregar a esposa a Sérgio, também lhe transfere a dívida acumulada e se limpa com o patrão.

A obra inicia-se com a negociação da personagem Maibi, representando como acontecia a comercialização das mulheres nos seringais amazônicos, durante o ciclo da borracha. Após a negociação, Maibi fora cedida por Sabino, seu marido, a um outro seringueiro, o Sérgio, este fica responsável em pagar a dívida de Sabido ao tenente Marciano, como ocorre no trecho a baixo:

- Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio.

- Sim senhor, respondeu escanzelado, retendo um suspiro.

Pronunciava-se este diálogo junto ao balcão, no armazém, entre o tenente Marciano, dono do Soledade, e um seu freguês, o Sabino de Maibi. (RANGEL, 2008, p. 121)

Este tipo de negociação que fora feito no armazém do seringal, era tido como algo comum, entre patrão e empregado na época da borracha. E a mulher era tida como um objeto valiosíssimo, e só quem tinha saldo positivo poderia ficar com ela, neste caso, Sabino como estava com saldo negativo e com a dívida acumulada a quatro anos, não poderia mais ficar na companhia de Maibi, e passa a ser obrigado a deixá-la com quem tinha saldo positivo.

Mas, que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas. (RANGEL, 2008, p. 121)

Sabino desde que chegou ao seringal Soledade, só acumulava dívida e a cada dia que passava,

sua preocupação só aumentava, pois desejava voltar a sua terra no Ceará. Porém, em companhia de Maibi, segundo ele, ela só viera para lhe atrapalhar, pois se tivesse vindo sozinho, já estaria no seu Ceará.

No lago do Castanho, casara-se com aquela cabocla, linda cunhã, enguiço núbil, tentação que lhe chegara para atrapalhar a vida, pois, se tivesse vindo sozinho, nessa época, labutar no alto, na seringa, estaria certamente a essas horas, no seu querido Ceará. (RANGEL, 2008, p. 123)

A dívida do seringueiro só trazia benefício ao dono do seringal, pois o seringueiro torna-se seu escravo, por tempo “indeterminado”, pois trabalharia mais tempo para o patrão. Mas, por outro, o seringueiro ter saldo negativo, também era motivo de preocupação ao proprietário do seringal, pois este desmotivado, passaria a ter queda na produção, e apenas aos seringueiros que tinham mulher, seria fácil resolver a situação, pois a transferindo para outro, ele se livraria do saldo negativo.

Conforme notamos nos excertos iniciais, nesse espaço, se o homem não tem condições de arcar com os seus gastos, a mulher pode servir de mercadoria ou dinheiro que irá quitar a dívida do trabalhador. Isso é o que acontece com a personagem Maibi. Ela, a única mulher que aparece na narrativa de Rangel, é completamente silenciada e o seu destino é decidido pelos homens e seus acordos. Maibi inicia a narrativa como esposa do personagem Sabino o qual, para saldar sua dívida, entrega-a a Sérgio, outro trabalhador que tinha a fama de quitar suas dívidas. Então, Sérgio compra a dívida de Sabino na condição de ter a Maibi como posse sua.

Essa situação a que Maibi foi submetida mostra que os atos de violência contra as mulheres não têm como referência relações individuais e isoladas, mas são estruturadas nas relações sociais de gênero, consubstanciadas em uma estrutura patriarcal-capitalista. Safiotti (2004) diz que as relações estruturais têm implicações diretas nas relações interpessoais, moldando e naturalizando comportamentos, produzindo e reproduzindo desigualdades e violências. Esse é o retrato da condição de Maibi. Ela foi transformada em mercadoria para a produção de mais-valor, o que poder ser verificado na seguinte passagem: “então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nadame deve e deixa a Maibi com o Sérgio” (RANGEL, p.121, 2008). Esse foi o trato que Sabino fez com o dono da venda. Para saldar sua dívida, Sabino negocia a esposa Maibi.

Nesse pequeno excerto já fica subentendido a objetificação feminina tanto em relação à questão sexual quanto em relação a ser de posse de um homem. É preciso que pensemos como esse tipo de situação acaba por se tornar formadora da consciência da população por fornecer um modo de colocar a mulher como coisa de forma inquestionável. Situações como essas significam que o olhar masculino está acima dos direitos femininos, neutralizando esses direitos, favorecendo a criação de identidades fragmentadas e colocando um valor mercadológico, monetário na condição feminina. No conto “Maibi”

esse valor pode ser visto de forma clara em passagens como

Mas, que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas. (RANGEL, 2008, p,121)

Aqui a personagem Maibi é colocada na mesma condição das mercadorias expostas nas prateleiras do armazém, como um prêmio e ao mesmo tempo como uma dívida que viria a aumentar. Entre essa dicotomia prêmio versus dívida, evidencia-se o dualismo entre o corpo feminino e a sua comercialização, no que tange à construção da mulher como objeto de desejo, confirmando a submissão feminina.

O lugar das mulheres submissas consiste na conservação sem ação, sem adequação, já que o outro (o patriarca) impõe o que lhes é permitido fazer e dizer. Nesse processo, nota-se um silenciamento em relação às posições sociais do sujeito. Esse silenciamento notamos na forma como Maibi é construída: ela é a única mulher que aparece na narrativa; o conto tem como título o nome dessa personagem, logo, ela é a protagonista, mas uma protagonista sem ação, sem voz. Em momento algum ela diz algo, ficando completamente silenciada.

Cabe mencionar, nesse momento, que silêncio e silenciamento fazem parte das formações disciplinares dos sujeitos e nos jogos de poder e força. Para Ferrari (2011), a mesma formação discursiva que permite a fala de uns, pode calar a voz do outro. Aos homens é permitido o diálogo, os acordos; à única mulher da narrativa é imposto o silenciamento.

No conto, nota-se a retratação da mulher como incapaz de ter um olhar crítico e social para seu universo, relegada ao desejo do outro. Ferrari (2011) explica que o silenciamento está associado a uma ação de um sujeito sobre o outro, ou seja, trata-se de uma estratégia de impor o silêncio ao outro; enquanto o silêncio, em si, é a falta de ruído; é o silenciar-se, calar-se. O que é preciso deixar claro que o silêncio de Maibi tem origem no silenciamento; ao silêncio que lhe foi imposto.

O conto de Alberto Rangel evidencia o quanto a vida não tem valor em um ambiente onde o que mais interessa é o lucro. A narrativa se passa no contexto do ciclo da borracha, marcando, para o sistema capitalista, o início de uma nova era na Amazônia. A promessa de enriquecimento fácil foi o que atraiu muitas pessoas de diversos lugares do país e também de fora do Brasil. A ideia de enriquecimento em pouco tempo ocasionou a chegada de um grande número de pessoas para os seringais amazônicos. Nesse espaço, a presença feminina foi menor. Alguns homens, deixavam esposa e filhos em seus locais de origem e partiam rumo à Amazônia nesse ideal de enriquecimento. Em outros

casos, as mulheres acompanhavam os maridos e este é o caso de Maibi.

Por outro lado, para alguns homens ter a mulher nesse espaço significava dois problemas: ela ser desejada por outros e também ser um peso a mais, já que o sistema de exploração era intenso, já que muitos trabalhadores chegavam nesses locais já endividados com os donos dos seringais e depois se submetiam a uma condição de trabalho de exploração da qual dificilmente conseguiam sair, conforme notamos na seguinte situação após Sabino negociar sua mulher: “A troca interessava ao patrão, que ficava mais seguro com o Sérgio, rapaz afamado como trabalhador insigne.” (RANGEL, 2008, p. 122). Por outro lado, Sabino pensava o seguinte: “com a mulher, a sua peia maior também tinha desaparecido. (...) tirar saldo, é a obsessão maior do trabalhador no seringal” (idem). Notamos que entregar Maibi a Sérgio foi para Sabino um alívio, pois ele teria a possibilidade de se organizar para obter algum saldo nesse espaço de exploração e também não a teria como mais uma forma de despesa.

No entanto, levado pelo sentimento de posse, alguns pensamentos permaneciam na cabeça de Sabino em relação à Maibi: “As carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro... Nos braços de outro ela se arrebataria em juras e suspiros... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas era o jeito. E o seringueiro procurava abafar pensamentos que o incomodavam...” (RANGEL, 2008, p.123). Aqui, fica bem nítida a erotização da mulher, do seu corpo e mais, a imagem de posse que é construída sobre a mulher. E essa erotização se confirma ainda mais na seguinte narração: “linda cunhã, enguiço núbil, tentação [...] os olhos dela, tingidos no sumo do pajurá; andar miúdo e ligeiro de um maçarico; seus cabelos do negro de mutum-fava; o vulto roliço” (RANGEL, 2008, p. 123). Esta é a descrição de Maibi e, de certa forma, a imagem que se fazia presente na cabeça de Sabino, atormentando-o.

Como já dissemos, em um contexto em que se faz mais presente a figura masculina, a mulher se torna o objeto desejado. Nos seringais a presença feminina era rara e como podemos confirmar no conto de Alberto Rangel, nesses locais ela se transforma em mercadoria. Notamos ainda mais a situação da mulher no contexto amazônico estigmatizada pela sensualidade. A mulher cabocla, oriunda da mistura de brancos e índios, conforme notamos na descrição de Maibi é tida sexualizada. Márcio Souza no livro *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo* (1978) diz que

A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto premidos pelas exigências de sua vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comercializadas a preço aviltante. Enquanto o coronel podia contar com as perfumadas *cocotes*, além de suas esposas, o seringueiro resvalava para o onanismo, para a bestialidade e práticas homossexuais. Esta penosa contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher. Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, onde a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadorias, uma móvel. (SOUZA, 1978, p. 99)

Aqui, fica nítido o estigma da erotização e mais ainda, a confirmação da condição de Maibi em mercadoria. Cabe ainda ressaltar que nesses contextos havia ainda as índias vistas como mulheres lascivas e sexualmente pervertidas que serviam apenas para o sexo. Esse estereótipo passou a ser marca também da cabocla amazônica, conforme notamos no conto com a personagem Maibi.

A mulher desvalorizada e objetificada, a mulher posse do homem, a mulher silenciada e subjugada fica ainda mais marcante na narrativa de Rangel após o processo de troca e após os pensamentos que povoavam a cabeça de Sabino ao pensar em Maibi nos braços de Sérgio. E foi então que “durante uma tarde vazia (...) que o Marciano divisou certa canoa dobrando a curva do remanso, de rumo ao barracão. (...) Era o Sérgio, que vinha pálido, visivelmente comovido. (...) que ao voltar, não encontrara mais em casa a Maibi. A cabocla desaparecera.” (RANGEL, 2008, p.128). Esse excerto, além de mostrar a desvalorização da mulher cabocla no cenário amazônico, nota-se ainda a mulher como a posse da qual é preciso que o homem tenha o controle. Mulheres à margem da sociedade capitalista que têm seus corpos comercializados para satisfação sexual dos seringalistas e dos seringueiros. São mulheres de um perfil de subordinação, de inferioridade em relação ao homem, silenciada. Maibi, apesar de ser homônima ao conto tem o protagonismo invisibilizado pelo discurso machista dos seringais.

Devido este tipo de acordo mal feito sobre a cabocla e sobre a seringueira, ambas que padecem, pois é com a vida que pagam tamanhas injustiças, sangram até a morte, a seringueira ao retirar todo o seu leite, a mulher, ao derramar até a última gota de sangue. Durante toda a leitura do conto em nenhum momento ouve-se a voz da personagem Maibi, esta permanece em silêncio e, apenas os “homens” como Sérgio, Sabino e tenente Marciano que possuem “voz”, porém, “essa voz”, de quem manda e desmanda mesmo é apenas do tenente, os seringueiros, são homens para cumprir ordens, servir e obedecer, pois quem manda é quem tem poder nas mãos.

Maibi, mesmo após ser levada por Sérgio, não expressa nenhuma resistência, ou ouve-se a sua voz, é como estivesse dopada, o silêncio da personagem diante da negociação de sua vida, e de ser levada por outro seringueiro é o que incomoda o leitor, e muito mais a leitora. Pois como uma mulher pode aceitar tão passivamente tal situação, não se escabelar, não falar nada, não gritar e agir como se tudo fosse algo normal.

Infelizmente o comportamento da vítima, de ficar calada e obedecer as ordens do marido (homem), após sofrer algum tipo de agressão, seja ele físico ou psicológico é tido como se a mulher merecesse tal, como se ela não fosse importante, e esta agressão muitas vezes é tida como uma justificativa para o comportamento agressivo do agressor contra a sua vítima. Como diz a autora Milena Fernandes Barroso (2016-2017), “a violência contra as mulheres não é um fenômeno específico da sociedade capitalista, mas, nessa sociabilidade, é fundamental ao capital naquilo que é

imprescindível a esta sociedade: transformar tudo o que existe em mercadoria para produção do capital” (Barroso, in: Violência contra mulheres em grandes projetos na Amazônia: mercadorização da vida no capitalismo). A mulher, nessa perspectiva capitalista, surge então como parte do produto do capital, no caso de Maibi, ela é o produto de extrema importância para que o capital dos seringalistas possa girar, pois os seringueiros irão trabalhar mais para ter relações com ela.

E foi pelo silenciamento que o destino de Maibi não poderia ser diferente conforme notaremos nas sequências descritas. De um lado “Sabino ... Tomou a própria cabeça entre as mãos e sacudia-se todo. (...) andava para um lado e para outro (...) puxava os cabelos (...) (RANGEL, 2008, p. 129); do outro lado “O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu, estupefacto, a mulher do Sabino e do Sérgio.” (RANGEL, 2008, p. 130).

A cena avassaladora e trágica presenciada pelo personagem José Magro revela que para a mulher, em uma sociedade patriarcal, as escolhas são anuladas. Em um contexto de exploração da borracha na amazônica, a vida, ou melhor, o corpo da mulher não se difere muito: ele é coisa a ser explorada e executada quando não atende mais aos interesses do homem. A crucificação de Maibi, feita por Sabino; a mutilação do corpo de Maibi reverbera a posse do macho sobre a fêmea e foi assim o tratamento de Maibi: a fêmea. Assim como se deu a anulação e sua voz na narrativa, o Ser mulher de Maibi também foi anulado. Do mesmo modo que os objetos de exploração do látex pertenciam ao homem, o corpo objetificado de Maibi também pertencia e por isso Maibi teve “sua vida a escoar-se nas tigelinhas dos seringueiros...” (RANGEL, 2008, p. 131).

O destino objetificado de Maibi se confirma ainda mais no final da narrativa quando o narrador mostra que Sabino não matou Maibi por amor a ela, mas pelo sentimento de posse, já que se tratou de um crime “não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela ambição coletiva de milhares d’almas endoidecidas na cobiça universal” (RANGEL, 2008, p. 131).

Notamos nessa descrição que assim como o sangue branco escorria das silenciadas e objetificadas árvores, o sangue de Maibi escorria pelo seu corpo a encher as tigelinhas que outrora eram enchidas pelo látex, fazendo com que as árvores sejam comparadas ao corpo dessa mulher, ambos abatidos pela violência.

3.2 Izabel Pimentel: fragmentos de uma identidade desconstruída

No conto de Márcio Souza, “A caligrafia de Deus” Izabel e a família vivem na cidade-selva em plena região amazônica à margem social. Ela e a família não tinham nem vez e nem lugar, a não ser nos espaços reservados a eles na área por trás da cidade de Manaus onde foi criado o Polo

Industrial na época da criação da Zona Franca. Atrás desse Polo foi criada uma cidade e atrás dessa cidade e que estavam todas as pessoas marginalizadas, como Izabel e sua família. Izabel é uma índia, mas como apresentado pelo narrador, vivia, com família, nas áreas pobres de Manaus, pois “nada mais restava da antiga mata e o deserto estendia-se pelo lado das casas dos ribeirinhos.” (SOUZA, 2008, p. 08)

É desse espaço que Izabel Pimentel sai e passa a estudar na Escola da Missão, mostrando que o processo de imposição social, cultural e religiosa permanece, ou seja, permanecem os mesmos ideais de colonização imposto sobre os menos favorecidos. E é sob essa condição que Izabel deixa de assistir à mãe ser violentada pelo pai e caminha rumo por uma estrada de agressões a serem cometidas contra ela. Nessa Escola o processo de perda identitária de Izabel se acentua ainda mais. Lá, a Madre Lúcia dava-lhe cascudos com um sino de mão e a chamava de louca por não seguir as imposições religiosas. Mais ainda, a Madre ficava impaciente pois Izabel “nunca aprendia a soletrar, nem decorava as palavras em italiano do hino de Nossa Senhora Auxiliadora.” (SOUZA, 1994, p.21.).

O título do conto está relacionado a uma fala da mãe de Izabel de que Deus escrevia certo por linhas tortas. A mãe lhe disse isso como uma justificativa para explicar a Izabel porque seria melhor que a família não tivesse dinheiro para comprar as revistas que Izabel tanto queria, conforme já descrito no capítulo anterior. Izabel via em algumas revistas o beijo dos apaixonados das cidades grandes e seu sonho era ser uma dessas mulheres que via na revista. Após ir estudar na Escola Salesiana da Missão de São Miguel pensou que se transformaria em uma ‘moça da cidade’, igual às da revista.

Nesse processo de transformação em uma moça da cidade, a Madre convence Izabel que seus hábitos eram feios, ela também fala dos dentes da garota e lhe faz uma proposta, uma verdadeira loucura, que deixava aos olhos de Izabel ainda mais atraentes:

Madre Lúcia que cuidava dos serviços de odontologia na Missão de São Miguel, havia dito para ela que seus dentes amarelados, em bom estado, mas desalinhados e pontudos poderiam ser eliminados e no lugar colocado um par de próteses, com dentes brancos, brilhantes, perfeitos e esmaltados. [...] Izabel Pimentel queria saber qual a sensação de um beijo com aqueles dentes maravilhosos e que ela poderia tirar e pôr a hora que bem entendesse. Ela poderia beijar com dentes, beijar sem dentes, e por isso estava achando aquilo uma loucura. [...] Na outra manhã, para alegria de Madre Lúcia, ela deu início ao processo de transformar sua boca de bugre em boca de gente. Cada dente extraído, daí para frente, era como se deixar levar mais uma vez pela exótica maneira de Deus riscar no mundo a sua sina. (SOUZA, 1994, p. 23; 24).

Izabel então, após pensar um pouco, aceita a proposta, então a freira começa o processo de extrair os dentes de Izabel. O processo da extração dos dentes da personagem é o mesmo processo da perda ou ganho de identidade dela. Izabel ao perder seus dentes, é como se tivesse perdido suas forças de resistir “ao novo, ao bonito”, de lutar contra o homem branco e se entrega ao seu colonizador, deixa

suas raízes e a freira passa a arrancar todos os seus dentes e toda a sua história. Madre Lúcia retrata aqui o colonizador com domínio sobre o colonizado, no caso, sobre a Izabel. A menina agora com seu sorriso transformado, com aqueles dentes brancos de dentadura, acredita que irá ganhar seu beijo, mas na verdade ela só ganha desprezo da parte dos rapazes de Iauareté-Cachoeira, pois nenhum moço, que honrava a nome Pimentel iria beijá-la, pois a sensação que teriam era de pecado, era como se tivessem beijando a Madre Lúcia.

O discurso da freira faz lembrar o discurso dos colonizadores portugueses na época da colonização, sobre a imposição do padrão de beleza dos europeus sobre os indígenas, que tudo deles é melhor, é bonito e que tem que ser seguido. A imposição da forma de como Izabel se ver, e de arrancar seus dentes, deixa claro quem é dominado e quem é o dominador disfarçado de freira. Além da personagem ter aceito a proposta, ela também tem que pagar pelo serviço, que é exigido pela Madre, colocando-a para trabalhar nos serviços mais pesados do Colégio. Antes da extração dos dentes de Izabel, ela era totalmente uma moça livre na sua comunidade, fazia o que queria, como subir nos pés de goiabeira, mas agora, com o preço do mutilamento, sua liberdade é tirada e obrigada a trabalhar:

“Mas o preço não era barato, não seria feito de graça. Madre Lúcia agora dava tarefas mais duras na roça para Izabel fazer. Todas as louças e panelas tinham de estar sempre imaculadas pela mão de Izabel Pimentel. O piso de cimento da Igreja lavado, a poeira dos livros dispersada e as roupas engomadas pela mão de Izabel, para que ela tivesse lindos dentes. (SOUZA,1994, p. 24)

Izabel como dito antes começa a sua perda/ganho de identidade ainda em Iauareté- Cachoeira, por não poder ter nome, nem sobrenome de origem indígena, por extrair seus dentes amarelados que era uma identidade sua e depois suas raízes, sua cultura, que fora arrancada ao ser catequizada por Madre Lúcia. Izabel não se importava com os trabalhos que agora tinha que fazer, pois só queria ser uma moça da cidade. O processo de extração dos dentes da personagem é o mesmo de negar sua cultura e sua identidade. Após o mutilamento de sua arcária dentária, e por ser desprezada pelos rapazes de Iauareté-Cachoeira, e não se sentir mais parte daquele povoado que passaram a desprezá-la, ela aceita o convite da Madre Lúcia para trabalhar “no Colégio Salesiano de Manaus, onde um par de próteses não fazia nenhuma diferença”. (SOUZA,1994, p.26)

Cabe aqui refletirmos um pouco sobre a condição feminina: primeiro, temos a situação da mãe de Izabel que é a mulher submissa ao marido, que sofre agressão física, representando o estereótipo da mulher indígena no cenário amazonense que apesar de sofrer os atos de violência mantêm-se na relação porque fora dessa situação poderia ser ainda pior. Por outro lado, há ainda o perfil de imposição do poder masculino sobre a mulher em uma sociedade que naturaliza esse tipo de violência.

Izabel sai de um casamento na cidade de Iauareté-Cachoeira e vai para Manaus, passando a ser agredida na Escola da Missão. Lá, não conhecia nada da cidade grande, tampouco sobre a imposição religiosa. Izabel foge de ter uma vida como a da mãe, mas para uma mulher em um cenário de exploração amazônica, as possibilidades de construção de si são mínimas. Nessa Escola ela é obrigada a estudar e trabalha e foi para tentar se encaixar em um padrão feminino que aceita a loucura da Madre de extrair os dentes.

Esse contexto no qual Izabel se encontra é uma espécie de continuação do cenário descrito no conto Maibi. Em Alberto Rangel há a representação da mulher no ciclo da borracha; no conto de Márcio Souza é o cenário após a decadência da borracha. No livro *A história da Amazônia* (2009), Márcio de Souza diz:

As transformações sociais e culturais da Zona Franca em Manaus são bastante distintas daquelas que ocorreram durante o ciclo da borracha. Enquanto a cidade era a capital mundial da borracha, Manaus rapidamente se consolidou como centrourbano, e desenvolveu os primeiros sistemas de serviços públicos, como eletricidade, distribuição de água e esgotos. Naquele período a cidade teve suas ruas pavimentadas, o seu crescimento planejado, viu crescer o número de hospitais e abriu-se para as influências culturais cosmopolitas. Criou uma Universidade e construiu uma casa de óperas. É claro que todas aquelas vantagens foram direcionadas aos ricos, àqueles que lucravam com o comércio do látex. No entanto, o desenvolvimento de Manaus durante o ciclo acompanhou o crescimento populacional, sem degradação dos serviços. O oposto ocorreu com a Zona Franca de Manaus. (SOUZA, 2009, p. 338)

Notamos aqui que entre Maibi e Izabel há épocas de transformação espacial diferentes, no entanto, a condição subjugação da mulher continua a mesma. Nessa transformação da cidade de Manaus Izabel consegue um emprego em uma loja montadora de fita cassete em um local com péssimas condições de trabalho e sofrendo abusos, tendo seu corpo violado em vistorias no final dos turnos de trabalho. Foi inconformada com essa realidade que ela passa a frequentar uma boate que era chamada de “O Selvagem” e lá que ela passa a ser chamada de Índia Potira. Mais uma vez, a violência imposta à mulher se faz presente:

A Índia Potira não gostava nada de ter as mãos de um guarda qualquer apalpando o seu traseiro todos os dias só para saber se ela não tinha enfiado algum transistor no rabo. Acabou comprando um vestido de brocado japonês bem curtinho e frequentando a boate O Selvagem, seguindo o convite de um chofer de táxi, seu primeiro cliente e que lhe deixou uma boa grana. A Índia Potira achou que seria uma loucura se voltasse a trabalhar na fábrica Sayonara Eletrônica, onde ganhava uma mixaria por mês e uma dedada por dia, quando numa só noite e em uma dedada ela podia faturar dez vezes o maldito salário que aqueles filhos da puta pagavam. (SOUZA, 1994, p. 32-33)

E foi assim que Izabel saiu da fábrica em que trabalhava e se transforma em prostituta. É nessa condição de trabalho que Izabel Pimentel conhece o assaltante Alfredo Silva, apelidado de Catarro, com quem passa a se relacionar e a ser espancada por ele, assim como foi sua mãe. Essa situação de

Izabel confirma o lugar de submissão da mulher em uma sociedade opressora em desenvolvimento, patriarcalista e falocêntrica. De um lado, temos a degradação de Izabel que inicia pela extração de seus dentes e depois pelo trabalho na boate; do outro é como se a expressão que aprendera com a mãe fosse um círculo que a levou para a mesma situação da mãe, já que ela passou a viver em uma relação de agressão física que podem ser percebidas em algumas passagens do conto:

A primeira vez que ele se irritou a sério, foi justamente pelos pedidos de beijos que ela fazia e que ele recusava dizendo que não era nenhum louco de andar beijando vagabundas desdentadas . a coisa tinha sido muito séria, ele tinha decido verdadeiramente a lenha nela, e só não tinha desancado a mulher de uma vez porque os vizinhos da instância vieram em socorro e despartaram. Na verdade essa história de encher a cara de porrada tinha virado mania, e ela parecia gostar muito. (SOUZA,1994, p. 31-32)

Além da naturalização da violência contra as mulheres observada nesse excerto, notamos também a tentativa de Izabel de construir uma identidade que fosse aceita socialmente, a de moça da cidade. No entanto, os muros sociais que são impostos aos mais pobres, especialmente contra a mulher, leva Izabel à confirmação de sua marginalização social: perdeu sua identidade e na busca de estereótipo não teve outro destino que não a morte, ainda bem jovem conforme descrito na cena: “Devia ter uns vinte anos, estava vestida só com uma calcinha rendada cor de limão. O corpo estava em decúbito dorsal, como sairia nas matérias dos jornais. “Uma mulher baixa, bem cheinha nas ancas, a cabeça com três furos de bala” (SOUZA, 1994, 16-17).

Izabel teve toda uma trajetória marcada pela exploração de seu corpo: no ato violento de arrancar-lhe os dentes; nas apalpadinhas que recebia ao finalizar o turno de trabalho na fábrica; na boate em que trabalhava como prostituta e no relacionamento com Catarro, já que ela não recebia nenhum ato de afeto por parte dele, nem mesmo o beijo que tanto desejava. Ele, quando não usava o corpo de Izabel, sexualmente, espancava-o. Notamos, então, que mais uma vez o corpo da mulher é tido como objeto de satisfação e de controle dos interesses da sociedade patriarcal-capitalista. Um corpo que sofreu, simultaneamente, a violência física e simbólica, por meio do controle de sua aparência em seus movimentos, em seus gestos, em suas expressões, em seus desejos, em suas vontades, em suas experiências, até que esse corpo deixou de existir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que no contexto amazonense, a partir das duas narrativas apresentadas, que as mulheres indígenas, suas descendentes e as caboclas, infelizmente são levadas a exploração/prostituição, pois são vistas como objeto de exploração, como se fossem mercadorias para serem usadas e/ou negociadas. As duas personagens apresentadas são exemplos de mulheres subalternas não apenas por sua condição econômica, mas também pela sua condição racial, por mais que as personagens tentem falar, como Izabel tentava dialogar com Catarro, ela não era ouvida.

No conto “Caligrafia de Deus”, o autor Márcio Souza traz a tona os efeitos negativos sobre a Amazônia em nome da “Modernidade”, pois por causa da modernidade que a região passou a ser explorada demasiadamente, tanto a floresta quanto o povo ribeirinho, os indígenas com a catequização e como o espaço passou a se transformar com as cidades, trazendo com elas a falta de estrutura das casas, os bairros sem saneamentos básicos, as ruas com gosmas pretas, e as violência contra as pessoas, os igarapés poluídos, tudo por falta de planejamento. E a frase mais escutada durante toda a leitura do conto que Deus escreve certo por linhas tortas, pode ser também porque o povo de Manaus sejam apenas mais uma vítima da modernidade, pois tudo estava perfeito, só faltava o planejamento da cidade.

No conto “Maibi”, Alberto Rangel traz uma personagem que morre por causa do fruto da exploração e ambição desse enriquecimento rápido sobre a região. E essa ganância por dinheiro, levaram a exploração sexual de muitas mulheres e muitas mortes delas, dos seringueiros e principalmente das seringueiras. Geralmente os contos amazônicos é para exaltar a floresta, sua beleza, a cultura do povo amazônico. Mas aqui, Rangel faz diferente, resolveu fazer denúncias de tais explorações que estavam acontecendo na região no período da borracha. O conto fora escrito por Alberto Rangel, com intuito de fazer denúncias das maldades que aconteciam na Amazônia na época da borracha, tanto sobre a escravidão dos homens, quanto da exploração sexual de mulheres e da própria floresta.

Nesse conto percebemos uma mulher silenciada que não teve a oportunidade de tentar seguir outro caminho; uma mulher completamente sem voz na narrativa, mesmo sendo a protagonista. Em “A caligrafia de Deus”, de Márcio Souza, notamos a ingenuidade feminina de sair de uma pequena cidade idealizando um sonho a ser realizado na cidade grande, mas descobre que para as mulheres, principalmente em um contexto de exploração social e de marginalização das pessoas menos favorecidas, o destino não é muito promissor.

Após a análise das duas narrativas, podemos ter uma visão e reflexões construídas sobre a figura feminina em um contexto social dominado por homens. Nas duas narrativas podemos notar a degradação do ser mulher em meio ao caos da exploração e da reestruturação amazônica do século XX. Mesmo tentando se livrar de alguns destinos, quando se é mulher, o caminho pode ser ainda mais trágico.

Nas duas narrativas, o que se nota não é o delineamento de mulheres dentro de estereótipos pré-estabelecidos, nem uma tentativa de ferir a imagem do que é ser mulher. O que se nota é como a condição feminina em frente a seus conflitos sociais, culturais, internos, não consegue se desvincular do aviltamento da condição humana. Por isso, Izabel Pimentel e Maibi foram vítimas de uma sociedade que as impulsionaram à destruição.

No dia a dia em que vivemos antes da pandemia e agora com a pandemia a violência contra a mulher com diversas mulheres sofrendo agressões dentro da própria casa, sendo violentamente por seus companheiros, tanto fisicamente, quanto psicologicamente. Muitas permanecem em silêncio por sofrerem ameaças dos companheiros, que se revelarem tal agressão eles a matam, ou matam seus filhos, outros dizem que ninguém irá acreditar. Muitos homens descronstroem os discursos das mulheres para desistirem da denúncia, pois dizem que não terá como sobreviver sem ele, por não ter um emprego, ou por não ter uma família que a apoie e a receba com carinho, e que ele é sua única família, e que pelo contrário todos só irão julgá-la, “jogar pedras” sobre ela e deixá-la sozinha com os filhos passando fome.

As mulheres, infelizmente se sentem sem saída desse ambiente opressor, pois para onde olham não encontram apoio, pois ao olharem para trás irão lembrar que muitas vezes foi a própria mãe a primeira a avisar para não se casar com a pessoa, assim se sentem até culpadas e que merecem sofrer tais agressões, por acreditam que estão sendo punidas por não ter escutado o conselho daquela que lhe deu a vida permanecendo em silêncio. Outras não largam o companheiro porque foi assim que aprendeu no ambiente familiar, viver sendo agredida, como a personagem Izabel Pimentel. Outras são vigiadas vinte quatro horas, seja através do celular que é rastreado, seja por seu companheiro ou por pessoas aliadas a ele.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Romário dos Anjos. **Literatura de Expressão Amazônica**: perspectivas e concepções. Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/letras>
- BARROSO, Milena Fernandes. Violência contra mulheres em grandes projetos na Amazônia: mercadorização da vida no capitalismo. **ARGUM.**, Vitória, v. 9, n.1, p. 89-102, jan/ abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/14401/10933> . Acesso em 3 de mar.2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CÂNDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- CARMO, Marizeth Aguiar do. **MAIBI**: a condição feminina no “Inferno Verde” de Alberto Rangel, p. 1-26. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/2561/45/TCC-Letras-2013-Arquivo.003.pdf> . Acesso em: 05 abr. 2021
- CHAVES, Fabiana Nogueira; CÉSAR, Maria Rita de Assis. **O silenciamento histórico das mulheres da Amazônia Brasileira**. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 138 – 156, jan./jun. 2019
- FERRARI, A.; CLARETO, Sônia Maria; Cláudia Maria Ribeiro. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura amazônica ou literatura da Amazônia?** In: MOARA. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: CLA/UFPA, 2004.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LEANDRO, Rafael Voigt. **Alberto Rangel e Seu Projeto Literário Para a Amazônia**. 2011. 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (dissertação) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10174/1/2011_RafaelVoigtLeandro.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021.
- LIMA, Solimaria Pereira. **A Amazônia na Perspectiva de dois Literatos**: Márcio Souza e Milton Hatoum, Diferenças e Proximidades. 2016. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (dissertação) – Universidade Federal de Rondônia, Ministério da Educação, Porto Velho-RO, 2016. Disponível em: <https://mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes%20defendidas/Turma%202014/24.%20Solimaria%20A%20Amazonia%20na%20perspectiva%20de%20dois%20literatos.pdf> . Acesso em: 13 de mar. 2021.
- LOUREIRO, Joao de Jesus Paes. **Cultural Amazônica**: uma poética do imaginário. 4ª ed. Belém: Cultura Brasil, 2015.
- MATTOS, Zaine Simas. “Bárbara não vá criar confusão”: silêncios e silenciamentos nas relações de gênero. **Silêncio e educação**. Juiz de Fora, p. 1-14, 2011. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1065/815> . Acesso em: 13 de mar.2021

- MEDEIROS, E.A. et al. Interpretações da Amazônia: o estilo, a paisagem e o trágico na territorialização imaginada na obra *Inferno Verde*. **Revista Humanidades e Inovação**. V.6, n. 14 - 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1815>. Acesso em: 13 de mar.2021
- NOGUEIRA, Francisco dos Santos. A transa amazônica e sua marginalização segundo Alberto Rangel. **Anais Eletrônicos**, Belém, Pará, jun/jul. 2015. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455988740.pdf . Acesso em: 05 de abr.2021
- PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Representações do corpo feminino na literatura. **Revisteletrônica Darandina**, Juiz de fora, v.1, n. 2, p. 1 – 4. Disponível em: https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/representacoes_do_corpo_feminino.pdf . Acesso em: 5 de abr. 2021
- PERROT, Michelle. Ecos de uma história silenciosa das mulheres: as mulheres ou os silêncios da história. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16 (1): 147-163, janeiro-abril/ 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ZQfG5qQzsM95BM9Fmn7HWqx/?lang=pt> Acesso em: 05 de abr.2021.
- PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.
- RAMOS, Cláudia de Socorro Simas. **O processo de perda da identidade cultural, através da colonização e do espaço urbano, no conto "A Caligrafia de Deus", De Márcio Souza**. Revista Decifrar: Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM (ISSN 2318-2229) Manaus, Vol. 02, Nº 04 (Jul/Dez-2014) Edição Especial: Amazônia.
- RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas**. 6ª. ed. Manaus, AM: Editora Valer,2008.
- RINCON, Neire Márzia. **A Caligrafia de Deus e A Cidade Ihada: imagens da cidade de Manaus na contística de Márcio Souza e Milton Hatoum**. 2012. 138 f. Trabalho de Conclusão de Curso (dissertação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiânia, 2012. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3387/5/Dissertacao%20Neire%20Marzia%20Rincon%20-%202012.pdf> . Acesso em: 13 mar. 2021.
- ROMITO, Patrizia. **A deafening silence: hidden violence against women and children**. Bologna: SEPS, 2008.
- SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.
- SILVA, Gisélia Mendes da. A Identidade Patriarcal em A Imitação da Rosa, de Clarice Lispector. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana- SE, Ano 1, Volume 02, p. 16- 24 / 2007. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1731> . Acesso em: 03 de mar.2021.
- SILVEIRA, Éderson Luís da. Corpos silenciados em busca de identidade: espelhos que reflete, a falta. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 5, p. 29-40, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/557/n5Silveira.pdf> . Acesso em: 5 de abr.2021.
- SOUZA, Márcio. **A Caligrafia de Deus**. São Paulo, SP: Marco Zero, 1994.
- _____. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- _____. **A História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009
- _____. **Literatura na Amazônia ou literatura amazônica?** Revista Sentidos da Cultura - Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014.

contemporâneos. 2013. 398 f. Trabalho de Conclusão de Curso (dissertação) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em:

https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/23793/3/A%20literatura%20amazonica_dos%20textos%20de%20viagem%20aos%20romances%20contemporaneos.pdf. Acesso em: 13 mar. 2021

